

Conjuntura Após queda do petróleo, presidente pede volta a preços antigos

Bolsonaro cobra da Petrobras recuo em alta de combustíveis

Matheus Schuch, Lu Aiko Otta,
Estevão Tair e Rafael Wallendorf
De Brasília

A queda na cotação do barril de petróleo para menos de US\$ 100 ontem levou o presidente Jair Bolsonaro a cobrar da Petrobras que retorne seus preços aos níveis da semana passada. Em evento no Palácio do Planalto, o presidente voltou a reclamar da “falta de sensibilidade” da estatal na aplicação do mais recente reajuste.

“Lamentavelmente, a questão da pandemia — obviamente as vidas não têm preço — e esta questão da guerra lá da Ucrânia têm influenciado a nossa economia. Mas, pelo que indicam os números até agora, em especial o preço do barril de petróleo lá fora, sinalizam para uma normalidade no mundo. E espero que a nossa querida Petrobras, que teve muita sensibilidade ao não nos dar um dia, ela retorne aos níveis da semana passada dos preços dos combustíveis.”

A queixa sobre “não nos dar um dia” já havia sido externada por Bolsonaro. O presidente defendia que a empresa deveria aguardar a aprovação pelo Congresso de medidas que amenizam o preço final para o consumidor, incluindo novas regras para cobrança de ICMS e isenção de parte dos tributos federais. Os reajustes de 18,7% na gasolina e 24,9% no diesel vieram na véspera da votação.

“Nos últimos dias, o preço do petróleo tem caído bastante, a gente espera que a Petrobras siga os reajustes”, afirmou. “Com toda a certeza a Petrobras vai fazer isso [acompanhar redução do petróleo].” Durante seu discurso, o presidente enfatizou duas vezes a necessidade de a estatal levar em conta a redução do petróleo.

A Petrobras pratica uma política de preços baseada no custo de importação do petróleo, chamada Preço de Paridade Internacional (PPI). Assim, as variações da cotação, para cima ou para baixo, se refletem nas bombas. Nas últimas semanas, a estatal segurou os preços, o que fez acumular defasagem nos repasses da alta do petróleo. Os aumentos da semana passada teriam compensado apenas parte da diferença e, segundo a estatal, ainda não refletem os efeitos da guerra.



Bolsonaro: “Pelo que indicam os números até agora, em especial o preço do petróleo, sinalizam normalidade no mundo”

A perspectiva de alívio nos reajustes dos preços dos combustíveis reduziu também a pressão sobre o ministro da Economia, Paulo Guedes, para desonerar a gasolina. Essa medida, que custaria R\$ 27 bilhões, vinha sendo combatida por ele nos bastidores, com o argumento que seria melhor, se fosse para abrir mão desse montante, dar um reforço temporário ao Auxílio Brasil. Assim, em vez de atender à classe média, o dinheiro ajudaria famílias pobres num momento de inflação.

Nem a desoneração da gasolina nem o aumento do Auxílio Brasil está em estudo ou em formulação, informam fontes da área econômica. Porém, o debate acabou gerando um ruído de comunicação. Na segunda-feira, rumores de que o aumento do benefício social estaria em estudo contribuíram para azedar o clima nos mercados, com preocupações sobre a política fiscal.

Isso não quer dizer, por outro lado, que medidas de maior custo fiscal estejam descartadas. No mesmo evento em que estava Bol-

sonaro, Guedes afirmou que o governo reagirá aos efeitos da guerra de forma gradual, como fez na pandemia. E deixou claro que, se necessário, repetirá a dose.

“Temos todo o protocolo de guerra”, disse. Citou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) Emergencial e as exceções ao teto de gastos. Ele frisou que, mesmo após os gastos extraordinários com a pandemia, o saldo das contas públicas está em níveis semelhantes aos anteriores à crise e o Brasil está pronto para crescer.

“Se vier a segunda guerra mundial aí, nós vamos expandir [os gastos] de novo, porque estamos com o déficit zerado”, afirmou o ministro.

Após o fim do evento, aos jornalistas Guedes destacou que “segunda guerra mundial” foi uma expressão usada para se referir justamente à alta dos preços dos combustíveis e fertilizantes.

“Se houver essa guerra do petróleo, dos grãos, dos fertilizantes, nós estaremos preparados”, afirmou. O ministro lamentou a guerra, que chamou de “tragé-

dia”, e ressaltou que o Brasil votou três vezes contra a invasão da Ucrânia pela Rússia na Organização das Nações Unidas (ONU).

A opção da área econômica, caso a expansão de gastos tenha de ser adotada, diante do prolongamento da guerra e efeitos devastadores sobre o Brasil, não é pela desoneração da gasolina. Antes viriam medidas como o aumento do vale-gás e subsídios ao óleo diesel.

Ao descrever o gradualismo como o governo vem enfrentando os efeitos da guerra, um interlocutor do ministro disse que uma primeira fase já está em andamento: a alteração no ICMS sobre combustíveis. A segunda fase, também: a desoneração de PIS/Cofins sobre o diesel, o gás de cozinha e o querosene de aviação.

A terceira fase, descreve essa fonte, é colocar o país como um porto seguro para investimentos estrangeiros. Medidas lançadas ontem para fortalecer o mercado de capitais fazem parte dessa estratégia. (colaborou Rafael Bitencourt)

Commodity Barril do Brent caiu 6,5% ontem e volatilidade deve se manter nos próximos meses

Covid-19 na China cria temores sobre demanda e petróleo recua

André Ramalho e Gabriela Ruddy
Do Rio

Depois de quase tocar os US\$ 140 no pico, na semana passada, o preço do barril do petróleo voltou a cair para abaixo de US\$ 100, ontem, aproximando-se dos patamares pré-guerra na Ucrânia. Se as preocupações com as restrições da oferta pressionaram a commodity para cima, nas últimas semanas, dessa vez foram as incertezas sobre a demanda — diante de um novo surto de covid na China — que ditaram o comportamento do barril. O recuo é que o "lockdown" de grandes cidades chinesas faça frear a economia e prejudique ainda mais a recuperação global já sob os efeitos da guerra na Ucrânia.

Na avaliação de analistas ainda é cedo para dizer que os fundamentos do mercado mudaram. A volatilidade é e será a palavra de ordem nos próximos meses. Ontem, o contrato para maio do barril do tipo Brent, referência global, caiu 6,5%, para US\$ 99,91. É o menor patamar desde 25 de fevereiro, dia seguinte à invasão da Ucrânia pela Rússia. De acordo com o analista sênior de óleo e gás da Bloomberg Intelligence, Fernando Valle, o recuo é justificado pelos recios de novo surto de covid-19 na China. Os efeitos da liberação de reservas estratégicas de petróleo dos EUA ajudam a explicar a retração do barril nos últimos dias.

No Brasil, a desvalorização voltou a colocar a Petrobras no radar do presidente da República, Jair Bolsonaro, que cobrou da estatal o repasse imediato da queda da commodity, de forma que a companhia volte a praticar os patamares de preços anteriores ao reajuste anunciado na semana passada. Segundo ele, a volta do barril aos níveis próximos ao pré-guerra sinalizam o retorno de uma "normalidade no mundo". "É espero que a nossa querida Petrobras, que teve muita sensibilidade ao não nos dar um dia, ela retorne aos níveis da semana passada dos preços dos combustíveis", afirmou.

Bolsonaro defendia que a empresa deveria ter esperado o Senado votar o pacote de medidas voltadas para amenizar a alta do preço final para o consumidor, na quinta-feira, antes de ter reajustado os derivados. A estatal anunciou o aumento dos preços no mesmo dia, mas horas antes da votação no Congresso sobre a unificação do ICMS e a criação do fundo de estabilização dos preços.

Apesar da pressão permanente de Bolsonaro sobre os preços da

Cenário volátil

Cotação* dia a dia - US\$/barril



*Fonte: Valor PPI, Elaboração: Valor Data. *Primeiro contrato

petroleira, a Petrobras, sob a administração de Joaquim Silva e Luna, não tem por hábito fazer repasses imediatos (nem para cima nem para baixo) das variações internacionais. O general tem estado sob pressão em Brasília nos últimos dias. Interlocutores políticos do governo defendem a saída dele do cargo. De acordo com o Blog da jornalista Andreia Sadi, Silva e Luna rechaça pedir demissão.

Depois de ficar 57 dias com os preços congelados nas refinarias, a petroleira aumentou o diesel em 24,9% e a gasolina em 18,7%. Já o gás liquefeito de petróleo (GLP) foi reajustado em 16% após 152 dias. Na ocasião, a estatal preferiu não repassar toda a alta dos preços internacionais e manteve seus preços ainda um pouco abaixo do preço de paridade de importação (PII). Ontem, porém, essa defasagem desapareceu.

A Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis (Abicom) estima que a Petrobras passou a praticar preços 6% acima do PII no diesel. A gasolina, por sua vez, está praticamente em linha com a referência internacional.

O presidente da Abicom, Sérgio Araújo, defende que ainda é cedo para que a Petrobras reduza os preços imediatamente, sobretudo depois de ter ficado 57 dias segurando aumentos. Segundo ele, é possível que com a queda do petróleo no mercado internacional, as janelas de importação voltem a se abrir para as tradings privadas. O executivo relata, porém, que tem sido difícil para importadores conseguirem cargas de diesel nos EUA, devido à alta demanda europeia.

Entre os analistas, a percepção é de muitas incertezas e volatilidade para os próximos meses. Fernando Valle afirma que os impactos mais

expressivos das sanções à Rússia sobre a oferta ainda estão por vir e que isso pode pressionar novamente a cotação da commodity. Como as compras muitas vezes são feitas com meses de antecedência, é possível que a atual desaceleração das exportações russas só tenha efeitos mais significativos entre abril e maio — quando as refinarias começam a aumentar a compra de óleo para fazer frente à demanda maior do verão no He-

misfério Norte. Por outro lado, o novo surto de covid-19 traz um novo peso do lado da demanda.

"A volatilidade vai ser a ordem dos próximos meses, entre as incertezas sobre quanto tempo a guerra vai durar e sobre a falta de clareza sobre os níveis de oferta da Rússia... [Do lado da demanda] Há um risco maior de inflação no mundo e, com isso, pode ser que o FED [Federal Reserve, banco central americano] eleve a taxa de ju-

ros, inibindo investimentos. Aí teremos um problema de demanda acentuado e podemos ver uma queda do petróleo. Mas os fundamentos não mudaram", disse.

Segundo o analista, na virada do ano, existia um consenso no mercado de que os preços do Brent ficariam na casa dos US\$ 80 o barril em 2022, na média. A expectativa, mesmo com o aumento das incertezas sobre a recuperação da demanda global, é que o barril se manterá provavelmente acima do nível estimado antes da guerra.

Para o diretor de refino e pesquisa de mercado da S&P Global para as Américas, Felipe Perez, aos poucos os efeitos dos ruídos da guerra sobre os preços do Brent começam a atenuar. "E os fundamentos sobre a oferta e a demanda voltam a dominar os preços", afirma.

Perez ainda vê muita volatilidade no mercado global. Do lado da demanda, segundo ele, além dos temores com o novo surto de covid na China, ainda há incertezas sobre os efeitos da alta do preço do petróleo sobre o consumo. "Acho que vai haver alguma destruição de demanda [pelos altos preços], mas a extensão disso ainda é incerta e vai depender da volatilidade dos preços", comentou.



No início de 2022, mercado trabalhava com Brent em US\$ 80 na média para o ano

Queda do petróleo aumenta coro no mercado por cautela do Copom

Análise

Alex Ribeiro
De São Paulo

A queda da cotação do petróleo abaixo de US\$ 100 o barril aumentou a defesa de economistas e operadores do mercado financeiro de uma postura mais cautelosa do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, que decide hoje o rumo da taxa de juros.

"Devagar!", resume um economista com passagem pelo Banco Central, em troca de mensagens nesta manhã com o **Valor**. Isso significa que o BC não deve abrir mão de sua busca pela meta de inflação, mas deve dosar os movimentos de alta de juros enquanto reúne mais informações sobre a evolução da economia mundial e brasileira. Três economistas citaram um mantra repetido pelo ex-presidente do Banco Central Ilan Goldfajn diante de cenários difíceis: "Cautela, serenidade e perseverança".

Poucos acham provável, ou recomendável, que o Copom se desvie da promessa de anunciar hoje uma alta de 1 ponto per-

centual na meta da taxa Selic, dos atuais 10,75% ao ano para 11,75% ao ano. O que está em discussão é o que o comitê, que luta para trazer uma inflação de 10,54% ao ano para a meta de 3,25% em 2023, vai sinalizar para as suas reuniões seguintes.

O forte recuo do petróleo, que fechou em US\$ 97,58 o barril, resume a volatilidade que atinge os mercados nas últimas semanas, desde a invasão da Ucrânia pela Rússia. Nos momentos de maior tensão, a cotação do produto chegou perto de US\$ 130.

A queda do petróleo está relacionada à própria guerra, com o mercado reavaliando todo o tempo as chances de um desfecho positivo nas negociações entre os dois países. Mas há também uma preocupação com o avanço do coronavírus na China e com as informações de que o país asiático estaria disposto a fornecer equipamentos à Rússia.

As incertezas mais recentes da China também afetam as cotações de outras commodities, como o minério de ferro. Os economistas consultados pelo **Valor**

dão diagnósticos conflitantes sobre qual seria o impacto líquido para o Brasil, em termos inflacionários. Alguns acham que pode ser neutro ou até positivo, outros dizem que poderá ser negativo.

Uma preocupação é um eventual agravamento nas cadeias de fornecimento globais caso a China seja obrigada a fazer o fechamento de sua economia para combater a covid-19.

A queda do petróleo, em tese, alivia um pouco as pressões sobre a inflação, embora o patamar em que está sendo negociado ainda seja bem alto. A grande dúvida é como a taxa de câmbio vai responder à queda das commodities. Antontem, o preço da moeda americana subiu 1,3%, para R\$ 5,1195. Isso despertou o receio de que tenha se restabelecido a velha relação entre câmbio e commodities. Ou seja, a queda dos preços dos produtos básicos levaria e um enfraquecimento do real perante o dólar. Ontem, subiu mais, a R\$ 5,16.

O argumento de quem pede cautela ao Banco Central é que não apenas o nível de preços é incerto, mas também a relação en-

tre eles. Se o Copom, por exemplo, decidisse com base nas informações disponíveis na sexta-feira, teria uma cotação do petróleo tipo Brent de US\$ 112,67 o barril.

Subir o juro menos de 1 ponto percentual parece fora da mesa porque o Copom sinalizou esse movimento antes da guerra na Ucrânia. Há uma corrente no mercado que, há algum tempo, está preocupada com um eventual excesso da política monetária. A Selic subiu a dois dígitos e só deverá chegar na atividade econômica no terceiro trimestre.

Avisão dominante, por outro lado, é que a guerra tende a adicionar pressões inflacionárias, apesar das incertezas mais recentes da China. O que pode, eventualmente, ajudar é o trabalho dos bancos centrais de países desenvolvidos e a possível desaceleração da economia global provocada pela guerra.

"Não dá para afundar o barco", diz um economista do mercado, também ex-BC. "Eu iria com uma alta de 1 ponto percentual, indicaria outra desaceleração no ritmo de aperto e estaria aberto a fazer um ciclo mais longo."

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil **Caderno:** A, B e C **Página:** 4,1 e 2